

A HISTÓRIA ANTROPOLÓGICA DE ROUSSEAU E HERDER

META

Expor as idéias de J.-J. Rousseau e J. G. Herder sobre a História como críticas e alternativas à concepção iluminista.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
caracterizar as críticas de Rousseau e Herder à concepção iluminista de História e discutir o sentido de uma história de senso antropológico oferecida pelo romantismo.

PRÉ-REQUISITO

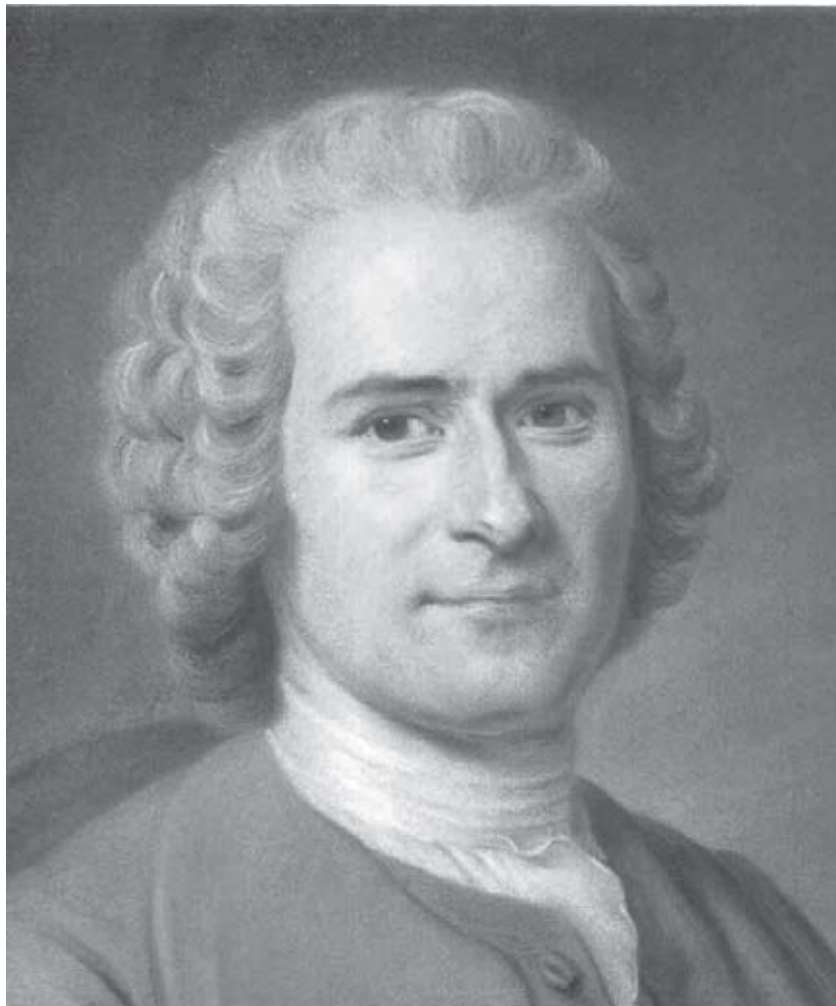
Pesquisar em dicionários de Filosofia e Literatura o significado do verbete "Romantismo".



Filosofo em meditação (Fonte: <http://pt.wikipedia.org>).

INTRODUÇÃO

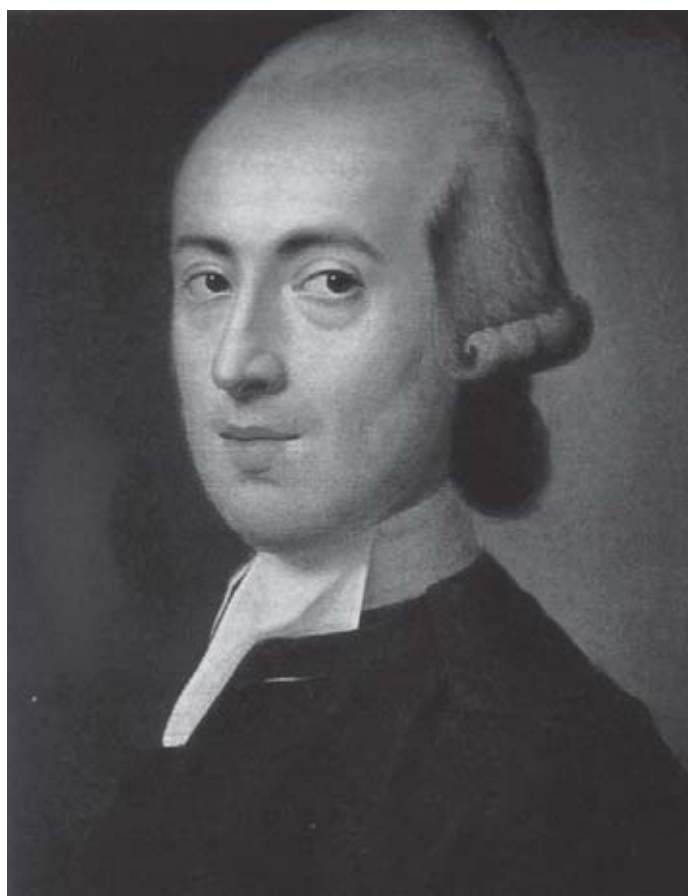
Esta lição pretende ser um breve apanhado da crítica à idéia iluminista de história feita por Jean-Jacques Rousseau, ainda no contexto do movimento iluminista, e de Johann Gottfried Herder, o qual ao lado de Goethe é figura de destaque do movimento romântico. O foco central destas críticas era 1. o protagonismo da classe política (despotismo esclarecido) ou de um grupo social específico (a burguesia), ainda que iluminado pela filosofia, como flecha do progresso histórico; 2. a idéia iluminista de que as eras passadas e a vida das nações não-europeias eram marcadas pela barbárie e pelo obscurantismo; e 3. a concepção de natureza humana como uniforme e imutável. São estes os temas de que nos ocuparemos em seguida.



Rousseau (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com.br>).

Caro aluno, Rousseau foi um típico filho das luzes, contemporâneo de muitos iluministas pode lhes dirigir um olhar crítico bastante arguto e criativo. As críticas de Rousseau são oriundas de suas obras: *Discurso sobre as artes e as ciências*, *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens* e *O contrato social*. Apesar do caráter epistemológico e políticos destas obras é daí que se extraem conceitos novos e sua pretensão de instaurar uma concepção de história alternativa à iluminista.

Herder era teólogo, educador e estudioso da literatura alemã, seu vasto conhecimento e sensibilidade, permitiram-lhe construir textos de amplitude e profundidade, que forneceram bases para uma sólida crítica à visão iluminista. Suas obras sobre a filosofia da história são: *Mais uma filosofia da história para a educação da humanidade* (1774) e *Ideias para uma filosofia da história da humanidade*.



Herder (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

A crítica à ideia do progresso histórico protagonizado pela classe política (despotismo) é feita diretamente por Rousseau. Este opôs à ideia do progresso na história dirigido pela vontade do déspota, iluminada pela ciência e imposta ao povo passivo, a ideia da “vontade geral” do próprio

povo esclarecido. A ideia rousseauiana é evitada ainda de utopismo e otimismo, tal qual a iluminista; porém alcança um âmbito bem maior da condição humana, já que para ele a vida política e o progresso (emancipação) não são prioritariamente obra da razão, mas da vontade humana, não dependendo diretamente da ciência em si, mas, antes, se colocando como impulso para esta.

Os aparentes avanços da ciência e seus erros recomendam cautela na atribuição imediata do êxito na vida políticas ao uso da razão. Porém, esta ressalva não significa afastamento da razão, mas a garantia da primazia da vontade geral do povo. Esta vontade geral, por sua vez, para que se apresente no melhor de suas forças, não deve ignorar os melhores conhecimentos oferecidos pela ciência, formando-se assim como um povo esclarecido pela educação popular (democracia esclarecida). Aqui também está a crítica ao automatismo da vinculação entre esclarecimento e aperfeiçoamento moral e político, pois, somente a vontade livre do povo pode escolher aplicar o conhecimento para discernir o moral e politicamente melhor.



Idade Media (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

A crítica ao barbarismo e à irracionalidade das eras anteriores ao iluminismo. No caso de Rousseau, tal juízo é francamente recusado, primeiro por atuar com um princípio bem mais amplo do que a razão dos iluministas, que é a vontade geral. Se a razão era recente no tempo da

história humana, a vontade, por sua vez, era tão antiga quanto o homem; em segundo lugar, se tomarmos a concepção de infância de Rousseau veremos que não há da parte dele discriminação para com a criança que vive uma vida própria, com ideias e concepções próprias que cabem ao educador decifrar. Analogamente o historiador deve contemplar a diferença entre os povos atuais e antigos e interpretar seus costumes, bem como entre os diferentes povos contemporâneos. Com este verdadeiro senso antropológico, Rousseau amplia o campo do historiador iluminista que havia se voltado para o presente.



G. Vico (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com>).

Tal como Giambattista Vico, Herder não via atuando na história somente a razão humana, mas concebia também fontes de impulso (desenvolvimento) da vida humana a imaginação, a criação artística e literária. Sendo assim, a questão da irracionalidade de outras eras e povos era menos importante ou inadequada para o juízo do historiador. Outro elemento importante a considerar no pensamento de Herder é que este acreditava que a providência havia criado os seres (também em comum com Vico), com uma integração entre as espécies, e sendo assim, o organismo humano estava diretamente ligado aos outros organismos. Segundo Herder, há

uma teleologia [em grego quer dizer finalidade determinante] na natureza que a encarrega de preparar organismos destinados a desenvolver dentro de si organismos superiores, desse modo uma sociedade esteve e está sempre gestando outra mais aperfeiçoada, e isto desde um ponto de vista orgânico e social. Com este duplo olhar a história dos povos antepassados e dos outros povos não-europeus (não-civilizados) passa a ter outro interesse para o historiador e para a decifração do sentido da história.

Destas ideias de Herder extrai-se, todavia, algumas conclusões problemáticas:

a) a ideia de que o desenvolvimento humano se projeta para o futuro, em direção a sociedades cada vez mais plenamente civilizadas, estabelecendo-se entre estas e as demais um patamar de superioridade; b) as formas superiores de sociedade (e de raças) são geradas por um determinismo natural, mesmo que o homem esteja, segundo ele, como um elo entre o orgânico e o espiritual; c) o caráter natural (orgânico) de um povo e seu ambiente físico apontado como responsável por sua condição evolutiva histórica. Estas três ideias, além de poderem se transformar em uma potente fonte de preconceito racial, trazem problemas relativos à defesa de um determinismo organicista na história e integram radicalmente natureza e história. Estes temas, porém, serão analisados mais adiante no pensamento de Kant, Hegel e Marx, sobre cujas conclusões refletiremos.

Quanto à crítica à concepção de natureza humana uniforme e imutável, é preciso que se diga que esta concepção alojou-se no próprio cerne da concepção de história do século XVIII, por conta da expectativa positiva de que o conhecimento histórico avançasse cada vez mais no discernimento dos fatos e processos humanos. Tanto a força da ideia da história como

ciência quanto sua atribuição do conhecimento da “natureza” humana ficaram por conta do entusiasmo reinante naquele momento com o êxito das ciências naturais. Portanto, se a natureza tornou possível o seu conhecimento pela forma regular (uniforme e imutável) de seus fenômenos, é também possível descobrir pela ciência histórica as leis vigentes na condição vital humana.



Revolução Francesa - “Forjando a Nova Constituição” (1791).
Freeman (www.imagensgoogl).

Herder, na obra *Ideias para a filosofia da história da humanidade*, arregimenta argumentos para desmistificar esta concepção da natureza humana, para mostrar que esta não é uniforme, nem imutável. Nos vários lugares onde surgiram os grupos humanos notou-se uma variedade não só de línguas como de costumes, mas observou-se também um processo cíclico de ascensão e declínio de cada um destes povos, por mais sólidos que fossem. Eis como argumenta Herder (1969, p. 43-45):

A lei fundamental da História- Qual a lei fundamental que observamos em todos os grandes fenômenos da história? A mim parece-me ser esta: que por toda parte, na Terra, acontece tudo quanto nela pode acontecer, em parte de acordo com a situação e as necessidades do lugar, em parte de acordo com as circunstâncias e as condições da época, em parte com o caráter nato ou adquirido dos povos. Ponde forças vivas humanas em determinadas relações de lugar e tempo sobre a Terra, e produzir-se-ão todas as transformações da história humana. Aqui cristalizam-se reinos e estados, ali dissolvem-se e assumem outras formas [...] a ação combinada de forças vivas na sua mais específica individualidade é que decidem de todos os acontecimentos que ocorrem no reino dos homens, tal como decidem de todos os fenômenos da natureza [...] As forças vivas do homem são as molas da história humana [...] O historiador da humanidade, à semelhança do criador da nossa espécie ou do gênio da Terra, deve saber ver com olhos imparciais e julgar sem paixão. [...] Ora, a natureza deu a Terra inteira aos homens, seus filhos, e nela decidiu que brotasse tudo quanto pudesse brotar [...] O ano da natureza é longo e a flor das suas plantas é tão variada como as próprias plantas e como os elementos que as sustentam.

Como comenta Collingwood, temos aí uma concepção de natureza humana bastante problemática que repercute sobre a concepção de história de Herder ou do romantismo: 1º- a diversidade da natureza humana transforma-se em fato determinante da história exigindo uma psicologia das variedades da espécie humana; 2º- reconhecimento da natureza humana não como um dado, mas como um problema, algo variável, temos assim várias naturezas humanas imutáveis; 3º- mesmo assim, não fica mostrado que a natureza humana é histórica, ao contrário não há argumentos de que o caráter de um povo foi alcançado através da experiência histórica desse povo, mas sim o contrário: a experiência histórica de um povo é resultante do seu caráter natural, ou seja, de suas “particularidades psicológicas inatas” (COLLINGWOOD, 1986, p. 123-124), ainda que Herder diga que “as capacidades natas só podem ser ordenadas por meio da razão; mas é necessário [...] prudência, seriedade e toda força do bem, para as ordenar e mantê-las nessa ordem com salutar domínio” (HERDER, 1969, p. 59).

Em que sentido podemos, então, dizer que as concepções de história de Rousseau e Herder são de uma história antropológica? Afirmamos isto porque percebemos que com estes dois pensadores a ideia de história construída pelo ocidente racionalista, que desemboca no iluminismo, confronta-se mais empiricamente com a própria realidade humana, trata-se de um choque antropológico promovido pela sensibilidade deste senso histórico, onde as expressões de cada raça ou sociedade não podem ser negligenciadas ou submetidas à forma européia sem perdas para o conhecimento do humano. A variedade da experiência humana, assim como a simbolização e a imaginação são traços marcantes da presença humana sob a face da terra e a história ao invés de escamoteá-la deve elucidá-la para poder elucidar-se.

CONCLUSÃO

As críticas de Rousseau e Herder representam o início de uma série de reflexões que desaguarão em sentimento anti-iluminista na segunda metade do século XX, que duvida da Razão e lhe pretende desmascarar os traços de barbárie. Quanto à história, o senso antropológico destes pensadores produzirá frutos no âmbito das ciências sociais com o advento da antropologia cultural e em escolas historiográficas, principalmente na França (Nova História).



La scienza nuova, G. Vico (Fonte: <http://www.imagensgoogle.com.br>).

RESUMO

As ideias de Rousseau e Herder forneceram subsídios para críticas contundentes ao Iluminismo, seu senso antropológico revelou o erro de considerar as nações não-europeias como bárbaras ou obscurantistas, pôs em cheque a ideia de uma classe ou herói como sujeito privilegiado da história, bem como questionou a concepção de uma natureza humana imutável e una (resquício de substancialismo). Por causa disso, estas ideias tornaram-se fonte de uma reflexão problematizadora da razão histórica, com frutos que chegam até o século XXI.



ATIVIDADES

Comente em que sentido o senso antropológico presente nas ideias de Rousseau e Herder afetam a concepção de história do Iluminismo.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A resposta deve retomar a concepção Iluminista de história e junto a esta apresentar as críticas de Herder e Rousseau, justificando sempre com passagens extraídas dos fragmentos e com apoio de dicionários.

PRÓXIMA AULA

Estudaremos na Lição 06 o pensamento de Kant sobre a História.



REFERÊNCIAS

- CASSIRER, Ernst. **A filosofia do Iluminismo**. 2 ed. Tradução: Alvaro Cabral. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.
- COLLINGWOOD, R. G. **A ideia de História**. 6 ed. Tradução: Alberto Freire. Lisboa: Editorial Presença, 1986.
- HERDER, J. G. Ideias para a filosofia da história da humanidade. In GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Tradução: Vitor Matos e Sá. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. p. 43-59, 1969.
- ROUSSEAU, J.-J. **Rousseau: textos escolhidos (Os Pensadores)**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- VICO, Gianbattista. **Vico: textos escolhidos (Os Pensadores)**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.